



N.º 110 — LISBOA, 19 DE FEVEREIRO

3
ANO
192

A PARÓDIA

PREÇO DA ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Lisboa, provincias e Africa serie de 26 numeros 500 réis
 Lisboa, provincias e Africa serie de 26 numeros 1.000 réis
 Cobrança pelo correio custa..... 100 réis
 Estrangeiro, accresce o porte do correio.

Preço avulso 20 réis

Um mez depois de publicado 40 réis

Publica-se ás quartas-feiras

PROPRIETARIOS:

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

E

M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

Redacção — RUA DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.ª

ADMINISTRADOR — GONZAGA GOMES

Administração — R. DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.ª

Composição: Minerva Peninsular,

111, Rua do Norte, 113

Impressão: Lythographia Artística,

Rua do Almada, 32 e 34

EDITOR — CANDIDO CHAVES

ULTIMOS ECHOS DO CARNAVAL



S. Carlos — Estás lá ou és de gesso?

Exame de consciencia

A christandade, entrada em plena Quaresma, faz o seu exame de consciencia.

Este bom povo beato, como parte integrante e fidelissima da mesma christandade, tira a mascara, recolhe-se, jejua, veste-se de rôxo como as alfayas liturgicas, muda moralmente de paramentos, olha para dentro de si mesmo, e depois de ter batido nos peitos das varias *Pierrettes* das suas relações, decide-se christá e piedosamente, a bater nos proprios peitos.

O calix da amargura succede á taça de Champagne.

Gargântua veste-se de frade e tenta a vida abstémia.

O burguez honesto e devoto compra religiosamente a bulla que lhe permitirá o peccado da carne que se come e o peccado da carne que se beija.

Ao pandeiro succede o sino. Liquidado o sr. Pereira e Cunha, apparece frei José dos Corações. A successão obrigada dos symbolos da Egreja põe disparatadamente sobre uma caraça um chapéu de cardal.

Depois de se terem despido, em seguida aos bailes, as cruces de carne dos braços, vestem-se de rôxo, em seguida á Cinza, as cruces de prata das sacristias.

Ao senhor Ressano Garcia, o dissolvente, succede o senhor conde de Bertandos, o impolluto.

As consciencias prescrutam-se analysam-se, fazem o inventario esculpulo das proprias culpas.

Mas os peccadores limitam-se a ficar scientes. As cordas de penitencia já se não résam. O cilicio fradesco degenerou na fórmula civilisada do espartilho. Da camisa áspera de Santa Theresa fez-se a *fascia* galante de Catharina de Medicis. O exame de consciencia reduziu-se ás exiguas proporções d'um exame em que se passa por empenho.

Com os primeiros assômos da Quaresma, em que as proprias oláias ensaiam paramentos rôxos, o sr. Hintze

consulta-se, ensimesma-se, dobra-se sobre a sua consciencia e decide se a uma auto-interrogação *systhematica* sobre cada peccado capital.

Quanto á soberba, francamente, o sr. Hintze comprehende que o pavão Arroyo, bricabraquista, espadachim e *concertatore*, lhe está por cima vinte varas.

Quanto á avareza, Moliere teria escolhido de preferencia o sr. Fuschini, — porque enfim, sempre era um ministro que andava nos carros do Jacintho.

Em capitulo de luxuria, é evidente que o sr. Hintze cõrou. Mas o que tambem é certo, é que se alguma vez poz sombreiro de abalroar e capa á Calderon, a cabelleira romantica do sr. Ressano e os pésinhos de satyro do sr. Mattoso o deixam completamente a perder de vista.

No que respeita a ira, — elle, o impertubavel, o calmo, o saxonio, o Vauvenargues, o Larochevoucauld, olha desdenhosamente a ira tribunica do sr. Alpoim, orador extraordinario, feito de trinitro-glycerina por dentro e de bonbons de rosa por fóra.

A gula, deixa-a o sr. Hintze inteira ao sr. Teixeira de Soisa, cuja calúga de Pantagruel é um poema e, cuja unica leitura é a *Gastronomia* de Berchoux.

Quanto á inveja, não ha, para o nobre presidente do Conselho, ninguem mais invejoso do que o sr. João Franco. A inveja sob uma fórmula verdadeiramente epileptoide, pallida, de dedos crispados.

Finalmente, no que respeita á perguica, leva as lampas ao sr. Hintze toda a gente e mais o sr. Campos Henriques.

Por consequente, o nobre chefe regenerador conclúe, conforme ao cathecismo, que é humilde, liberal, casto, paciente, temperante, caridoso, diligente, — e espera do Vaticano a canonisação.

Será Santo Ernesto Rodolpho, terá respndor e peanha.

Quanto ao resto d'este nobre povo beato e simples, fica-lhe o caminho da penitencia, e com um bocadinho de esforço e de perseverança, outro caminho mais decisivo e mais piedoso ainda: o da Penitenciaria.

THYRSO.

Memorias d'um Méco

POR
ALEXANDRE DUMAS E D'OUTRAS

Quarta-feira, 12



São 5 horas da manhã e sento-me á banca para lançar ao papel as impressões d'esta minha primeira noite de Lisboa. E devo já consignar que essas impressões são péssimas, como a impressão da *Crença Liberal*, jornal a cujo folhetim destino estas linhas. Um horror. Toda a santissima noite fui perturbado no somno que não cheguei a dormir e nas meditações que não cheguei a meditar pelos meus companheiros de hotel. O meu quarto fica entalado entre dois, um dos quaes, o da direita, é occupado por uns noivos, os noivos mais singulares que tenho encontrado em toda a minha vida.



Casaram hontem e passaram assim toda a noite de nupcias : o marido a bramar e a mulher, ao que parece, a ouvir. Dizia elle :

— Esta só a mim succede !

Ella, moita.

E volta e meia lá tornava elle :

— Esta só a mim succede !

Já muito intrigado, bati na parede e interroguei :

— Oh homem, succedeu-lhe alguma coisa ?

Elle então respondeu :

— Ainda não !

Sem atinar com o motivo de tanta exclamação, resignei-me rebolando-me na cama de um lado para o outro. Por fim o homem calou-se. Tambem não sei porquê. Fosse pelo que fosse, isso pouco importa : o caso é que sentia as palpebras pesadas e ia adormecer n'uma somneca marota, quando o meu visinho do lado esquerdo começou n'uma lenga-lenga, que parecia uma explicação do sr. Candido de Figueiredo.



Este meu visinho da esquerda é um deputado que anda a aprender a lêr pelo methodo de João de Deus, e que volta e meia está agarrado á Cartilha Maternal, com uma tão grande ancia que parece antes tratar-se do seio maternal. É muito applicado e tem uma grande força de vontade : é possível que vá para a pasta da marinha em substituição do Teixeira de Souza, que já é muito sabido, chegando a ponto de lêr direito por linhas tortas.



Não havia meio de conciliar o somno. Depois, valha a verdade, tambem as impressões da terça-feira me não largavam. Decidi pôr-me a pé e vir fixal-as no papel, para instrução de vindouros.

... Quando hontem de manhã cheguei a Lisboa, recommendaram-me logo que não perdesse pitada da folia carnavalesca e que, se quizesse parecer gente decente, não faltasse á noite á recita de S. Carlos, de ponto em branco, como cá se diz, mas de ponto em preto é que é.



Na informação que me d'eram trocaram as cores : de ponto em preto fui eu para o theatro, e de ponto em branco sahi de lá, á força de bateladas de farinha que me atiraram as pessoas mais illustres da nossa primeira sociedade. Farinha e gesso. Gesso e mais alguma coisa, como ao diante se verá.



Devo confessar que a civilisação lisboeta é coisa de vêr e apreciar — pela gentileza.

O governador civil da capital prohibiu por um ukase que durante a época carnavalesca se atirassem projecteis contundentes como: tremoços, saccos de feijão frade, *cocottes*.



Tudo isto está muito bem, porque todas estas coisas são realmente muito pesadas, especialmente as *cocottes*. Mas permittiu elle que os cidadãos se podessem cegar uns aos outros, atirando-se meios kilos de gesso, farinha de uma que o Ressano mandou vir em tempos para o Torlades, cal e varias outras delicias a que o gentil homem Pereira da Cunha graciosamente denominou pós de amido.

O espectáculo foi tudo quanto ha de mais gracioso. A gente sahia á rua e cahia-lhe logo sobre a cabeça uma alfofa de gesso que se lhe empastava nos olhos, que lhe entrava pela bocca e pelas ventas, deliciando-o. Em seguida, se perdia a linha destinada ao cavallo (dado o caso de ir a cavallo) era apeado, levava dois bananos na tromba, sendo



simples mortal, e um socco na cara, se era deputado da nação. Para os pares do reino havia rodas de pontapés expressamente destinadas ao effeito. Era a policia, sempre obsequiosa, que prestava todos estes auxilios ás felizes creaturas que tinham o bom gosto de sahir á rua.



Não houve danças porque é réles, embora util. Mas o governador civil, que é um estheta, não quiz saber de conveniencias e curou apenas de dar á metropole durante o carnaval, o ar de coisa fina. E conseguiu-o.

Varias familias de escrivães da Boa-Hora, que vivem dos resultados da pagodeira carnavalesca, soffreram um respeitavel rombo nas suas finanças ; mas o carro da Civilisação não caminha sem fazer victimas. É tal e qual o phaeton do Serenissimo Senhor Infante D. Affonso.



NINHADA DE SOVERAES

(Sobrecasaca... e chocadeira)



A elegante sobrecasaca do sr. de Soveral, que já era uma sobrecasaca á altura de todas as testas coroadas, tornou-se n'estes ultimos tempos alguma coisa de verdadeiramente extraordinario: uma espécie de chocadeira politica e diplomatica, que tem dado á luz, com muita felicidade, uma ninhada illustre de vencidinhos da vidinha. Os novos politicos soveralisaram-se todos. De resto, não admira que depois d'um carnaval com pós de gomma, nos appareça na quaresma uma politica... de gommosos.

O qual Serenissimo Senhor Infante D. Affonso deixou de o ser n'esta occasião. Nunca se viu Infante menos Serenissimo. Perdeu a serenidade completamente com a folia do entrudo, a ponto de ter estado para sahir um supplemento ao *Diario do Governo* rectificando o titulo de sua Alteza durante os trez dias de pagode, para Enthusiasmadissimo Senhor Infante D. Affonso.

A' noite, no theatro de S. Carlos e perante o grande estheta da Parreirinha, o bom gosto da folia refinou, a ponto de serem lançados dos camarotes para a plateia e vice-versa, não só cartuchos de gesso, como tambem croquettes, sandiviches, pasteis de nata, etc. Um delirio!



Então o sr. Governador Civil, querendo que o elemento official collaborasse na gentilissima festa, ordenou á policia que fizesse nova distribuição de bofetadas e cachações, não sendo possivel satisfazer os desejos de s. ex.ª porque a sua guarda pretoriana tinha gasto a provisào durante o dia.

A muitas pessoas, certamente assombradas com a maravilhosa festa, ouvi eu dizer: — Isto nunca se viu em parte alguma!

E realmente era soberbo o espectáculo! Uma dama vi eu, que ostentou toda a noite no seio decotado uma lampreia de ovos que se agitava docemente com o arfar d'aquella adjacencia.



A casaca do senhor Rosa Catatau escorria esplendidamente calda de fatias douradas.



Nas abas do chapéu alto do sr. marquez de Franco, espreguiçavam-se como odaliscas oito chouriços de sangue, n'uma onda de cebo.



O sr. Santa Ritta, litteralmente alagado em sopa de rabo de bezerro d'oiro estava o que se chama uma delicia.

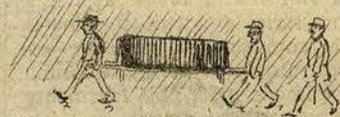


Na cabeça apollinea do sr. conselheiro Jacintho Candido agitavam-se louros sonhos de uma noite de verão e talhaças de toucinho do céo, gracinha especial do sr. Cardeal Patriarca.



Foi uma noite muito bem passada e que a todos deixou as melhores recordações, não só pela amabilidade dos donos da bilheteira, como pelo finissimo espirito do sr governador civil, tão sobjamente manifestado.

Muitas das pessoas que assistiram a esta encantadora festa retiraram em macas, o que dava ás ruas um aspecto muito pittoresco.



Algumas vimos nós que se lambiam para não perderem tudo.



Mas nem tudo são rosas, nem mesmo n'um jardim da Europa á beira mar plantado.

A's mesmas horas em que as pessoas finas reciprocamente se deliciavam por esta galante forma — jogando-se fatias de queijo e e até cacos de um vaso que pelos ares me pareceu etrusco, — no Colyseu dos Recreios a plebe que se agglomerava em massa abandalhava-se horrivelmente n'um divertimento cuja descripção faria evorgonhar o mais desvorgonhado.



Besta dizer que não houve um unico olho vasado, a menor cara partida, nem um socco d'estes que fazem correr sangue a jorros pelas ventas das pessoas de tom. Nada, absolutamente nada. Nem um pastel de nata nos hombros nus d'uma titular (verdade seja que não estava lá a aristocracia!) nem um croquette na careca d'um conselheiro (tambem não havia conselheiros), nem ao menos meia quarta de queijo da Serra nos olhos d'um diplomata — mandando Deus dizer a verdade: não estava lá a diplomacia.

Uma chulice pegada, que até mette enjoar em tal. Estes espectaculos deprimentes deviam ser prohibidos por improprios d'uma capital.

A culpa, tambem, não é da populaça. Demasiadamente sabem todas as D. Annas, que essa gente a respeito de bom gosto... Ora imagine se que comem pasteis de nata e queijo como quem joga o entrudo com o estomago e, quando teem um vaso etrusco em cacos, em vez de brindarem com elles a cara das pessoas de consideração atiram-os ao barril do lixo.



Podia alongar-me em judiciosas considerações a este respeito; mas tocam para o almoço, e eu vou comer um chispe de porco e um pão de pataco que um fidalgo me atirou á cabeça em S. Carlos.



(Pela copia)

O Homem dos Miudos

P. S.

Quinta feira ás 11 horas da noite

Tomei-lhe o gosto, não ha que vêr.

Hoje voltei a S. Carlos. Estava a sala na mesma. As iguarias, tudo. Os pasteis é que já não estavam tão bons como na terça-feira; não havia meio de lhes dar a applicação devida, atirando-os á figura do proximo. Simplesmente o queijo conservava o seu tom aristocratico, cheirando que era um regalo.

O espectáculo d'essa noite foi em beneficio do sr. governador civil, que não chegou a ganhar para sustos. Fizeram-lhe uma manifestação d'arromba, que deve ter echos no seu coração d'artista em quanto sua ex.ª fôr D. Anna.



Como s. ex.ª apparecesse n'uma friza, a manifestação tornou-se mais frisante, a ponto de o illustre governador, á força de commoção, suspender o espectáculo.

Tenho este capitulo das minhas *Memorias* com esta phrase que me parece d'arromba:

— Não ha nada como viver nos grandes centros!



Cumulos

Do maneta:

Ter um assumpto entre mãos.

Do sapateiro:

Fazer botas para um pé de vento.

Da força:

Levantar uma sessão.

Do camiseiro:

Fazer camisas para bicos de gaz e punhos para chapéus de chuva.

Do agricultor:

Cultivar a amizade.

Do Ceigo:

Ver um lindo futuro.

Do alambique:

Rectificar o Espirito Santo.

Da cirurgia:

Amputar um braço de mar.

Da precaução:

Resguardar-se dos ares de familia.

Da construção naval:

Blindar um barco com o metal da voz.

Da tinturarla:

Tingir d'amarello o Mar Vermelho,



BIBLIOGRAPHIA

Um novo livro de Abel Botelho, o terceiro romance d'essa famosa collecção de estudos pathologicos que o brilhantissimo romancista iniciou ha annos com o *Barão de Lavos*.

Amanhã — tal o titulo do novo volume — é a obra de um pensador, de um romancista experimentado, traçada sobre o relevo de um grande ideal, com alma, com talento, por esse raro typo de escriptor que é um dos mais indefessos trabalhadores portuguezes, homem de letras de maravilhosas aptidões, espirito esclarecido feito no estudo e robustecido na observação. Escripito com aquelle brilho de linguagem encantador de que só elle possui o segredo, o *Amanhã* está certamente destinado a um extraordinario successo entre a gente culta, consequencia inevitavel do grande exito de livraria que está obtendo.

Ao querido amigo e companheiro illustre, as nossa mais cordeas flicitações com um estreito abraço da nossa inquebrantavel estima e leal camaradagem.

Eduardo de Noronha, um fanatico pela litteratura do Norte, impoz-se a brilhante e honrosa tarefa de verter para portuguez os mais famosos livros d'essa litteratura. Poucos commettimentos litterarios conhecemos no nosso acanhado meio, tão sympatyicos e tão reveladores da alta comprehensão dos deveres de todo o homem de letras que présa a litteratura do seu paiz, do que este, tão brilhantemente iniciado com a versão do *Quo Vadis*, e escrupulosamente seguido até agora, momento em qua nos chega o *Ben-Hur*, romance sobejamente conhecido pela gente culta para que d'elle fallemos aqui, traduzido por Noronha de collaboração com uma illustre senhora polaca, mad. Selda Potocka.

Da maneira proba porque esse trabalho foi realisado basta dizer que Noronha, subscrevendo esta traducção, honrou, como sempre, o seu bom nome de litterato.



A PARODIA em bilhetes postaes ou os bilhetes postaes em PARODIA

Como os nossos leitores devem saber pelos variados órgãos da publicidade, *A Parodia* acaba de dar á luz uma série, a 1.^a, de 10 bilhetes postaes, com a maior felicidade, estando os neophitos de perfeitissima saúde, como a mãe, pois felizmente não ha mal que lhe chegue.

São dez miniaturas de algumas paginas do nosso semanario, em cinco côres, tantas como as do arco-iris; pouco mais ou menos.

Estes bilhetes, que são vendidos ás séries de 10 por 200 réis, obteem-se, tambem, avulso e a vintem, nas tabacarias e geralmente nas lojas onde o nosso jornal é vendido.

Elogio em bocca propria dizem que é vituperio. Mas deixal-o dizer. Que os bilhetes são lindos asseveramos nós com a mão na consciencia.

Ora agora vamos a vêr se vocemeçes mettem a mão na algebeira...

Os chromos foram executados, com toda a perfeição, na officina photo-mechanica de Thomaz Bordallo Pinheiro, a Santo Amaro.

Que todos os santos lhes ponham a virtude.



Centro de Publicações DE Arnaldo Soares PORTO

Distribuição e venda permanente de todos os jornaes de Lisboa. Das 10 horas da manhã ás 10 da noite na casa do largo d' Carmo, 60. Das 10 da noite ás 10 da manhã na casa da rua do A. meda, 341.



Companhia Real DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

Serviço dos Armazens Fornecimento de aço fundido para ferramentas

No dia 24 do proximo mez de Fevereiro, peia 1 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Commissão Executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de aço fundido para ferramentas.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central dos Armazens (edificio da estação de Santa Apollonia), todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde e em Paris, nos escriptorios da Companhia, 28 rue de Châteaudun.

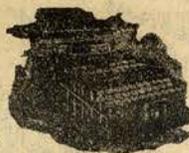
Lisboa, 23 de Janeiro de 1902.

O Director Geral da Companhia
Chapuy

MENÉRES & C.^a Porto

Fornecedores da Casa Real Portugueza, da Casa de Presidente da Republica do Brasil, da Directoria da Sanidade Publica do Pará, da Cooperativa Militar Portugueza, da Santa Casa de Misericórdia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto
AGENCIAS EM TODO O MUNDO



YOST YOST
Machina
de escrever
L. M. LILLY
R. RETOZEIROS, 35 1.º D

A CAPA D' "A PARODIA", Para o 1.º e 2.º volume Preço 700 réis cada

Vende-se em Lisboa, no escriptorio da administração Rua do Gremio Luzitano, 66, 1.º, na papelaria Alves & Ferreira, Rua Augusta 220 e 222, e em diversas livrarias e tabacarias. No Porto em casa de Arnaldo Soares, Praça de D. Pedro. Em Coimbra, na livraria Mesquita.

A administração encarrega-se de mandar encadernar o volume pela quantia de 200 réis.

Os pedidos da provincia para remessa de capas, devem ser acompanhados de mais 40 réis para porte do correio, de cada capa.



Jeronymo Fernandes

CALLISTA EXIMIO
Das 8 horas da manhã
ás 5 da tarde
exerce com toda a pericia
a sua profissão

R. SERPA PINTO, 48
sobre-loja
(frente para o Chiado)

CARTA ABERTA

Eu i + esta  fomos a *Cão Harlus*
 dito qe *Lixbowa*  não era terra de *Pinham*
 sagreditamus I  fomos  I vai
 Arre.  pendi-me d'ico...  X petaram-me uma
 n'1 , arrombaram-me o  i um sujeito xama-
 do  acei grassa, mach depois A' minha
 inte  the 20K de Pózes em cima, dus cuais, eu
 despejaram the 20K de Pózes em cima, dus cuais, eu
 como bom karo metade apanhei uns 10^K. I acim
 phiqamus  E ja' tinha acabado i puzeram
 Max cual?  Tristis i cujus viemos para
 agente fora.  Nas hon 600  os pózes
 i para me entreter o resta da noite eu resolbi tirar
 u poj da  Fy preza, eu tanto puzei pur L
 eram jeco, u jesso  minha  figou de K.
 9. fiquei acim:  De maneira que co  vere
 7  7 de jeco eu pude  viu
 partindo - the o b. I  9. cuando me  que
 a minha rica hon corte 9. quando me  que
 K butou-me au 10 prezo.
 interesseda para que eu fassa as  SSS
 hon L  I E  da  me dispence
 u  constante  ceu
 Kabello  1 Provinciano 

PELA COPIA
 1917